



CASSIRER, ERNEST. *LINGUAGEM E MITO*. 4ED. TRADUÇÃO DE J. GUINSBURG, MIRIAN SCHAUIDERMAN. SÃO PAULO: PERSPECTIVA, 2009.

Neila Salete Gheller Froehlich<sup>1</sup>

O autor defende a ideia de que o conhecimento científico é também simbólico, de modo que todo conhecimento e sua relação do homem com o mundo se dá no âmbito das diversas “formas simbólicas”. Nessa direção, um dos problemas que surge ao estudar Cassirer é buscar uma definição do que ele entende por forma simbólica e quais os parâmetros adotados para conceituar essa forma.

Na obra *Linguagem e Mito*, resultado de um conhecimento elaborado por longas análises e pesquisas, encontra-se uma definição mais explícita por “forma simbólica.” Há de entender-se, aqui, toda a energia do espírito, em cuja virtude um conteúdo espiritual de significado é vinculado a um signo sensível concreto que lhe é atribuído interiormente. Nesse sentido, a linguagem, o mundo mítico-religioso e a arte se apresentam a nós como outras tantas formas simbólicas particulares.

Durante a leitura, percebe-se que o autor afirma que a energia espiritual deve ser compreendida como aquilo que o sujeito efetua espontaneamente, ou seja, o sujeito não recebe passivamente as sensações exteriores, mas sim as enlaça com signos sensíveis significativos. Daí, toda relação do homem com a “realidade” não é imediata, mas mediata, por meio das várias construções simbólicas. Na produção do simbólico, não somente a linguagem é espontânea, mas é também condição imprescindível para captação do sensível. Segundo Cassirer, esses signos ou imagens não devem ser vistos como um obstáculo, mas como a condição que possibilita a relação do homem com o mundo, do espiritual com o sensível. Por intermédio de signos e imagens, pode-se “fixar” determinados pontos do fluxo temporal das experiências.

Cassirer mostra, nas entrelinhas do livro, que o ser humano não tem um papel passivo de apenas receber as impressões sensíveis se conformando a elas, mas antes, são estas que são conformadas pelas faculdades humanas. Através da capacidade de produzir imagens e signos, o homem consegue determinar e fixar o particular na sua consciência, em meio à sucessão de fenômenos que se seguem no tempo. Os conteúdos sensíveis não são apenas recebidos pela consciência, são antes engendrados e transformados em conteúdos simbólicos.

Quando pensamos, enquanto homem possuído de saberes lógicos, percebemos que o material sensível é o ponto de partida comum das distintas formas simbólicas, a partir do qual vão transformar a mera expressão sensível num conteúdo significativo dotado

1. Mestrado em Estudos Literários pela Universidade do Estado de Mato Grosso/Capes.

de sentido simbólico.

Cada forma simbólica configura os conteúdos sensíveis na sua forma particular e específica. Ao se designar um algo exterior, por meio de um signo sonoro, se diferencia e se fixa um sentido determinado a um objeto específico. O signo sonoro não é apenas uma expressão da diversidade do exterior, mas sim a própria condição de possibilidade da organização interna das representações. O autor afirma explicitamente como sendo formas simbólicas: o mito, a linguagem, a religião, a arte e a ciência.

Sabe-se que os mitos resultam das experiências coletivas dos homens, que não se reconhecem como produtores desses mitos, já que não têm consciência da projeção do seu eu subjetivo para os elementos do mundo. Segundo Cassirer, os mitos construídos por indivíduos, não podem ser considerados mitos genuínos. Em Platão, os mitos foram elaborados de forma livre, com finalidades éticas e pedagógicas definidas. Platão não estava submetido ao seu poder. Já o mito verdadeiro não se reconhece a si mesmo como uma imagem ou metáfora; a sua imagem é a própria realidade. As emoções expressas são transformadas em imagens e essas imagens são as interpretações do mundo exterior e interior. Observamos, pela história da humanidade, que o homem começa a aprender com o mito, uma nova e estranha arte: a arte de exprimir, isso significa organizar os seus instintos mais profundamente enraizados, as suas esperanças e temores.

Por isso, o pensamento mítico não deve ser compreendido como mera ilusão ou patologia, e sim como uma forma de objetivação da realidade mais primária e de caráter específico.

O mito, como as demais formas simbólicas, constrói espontaneamente sua realidade, mas ocorre que o mito não toma consciência da sua própria atividade espiritual criativa. Ou seja, a produção mítica é uma espécie de "ficção inconsciente", pois se trata de uma produção espontânea, sem consciência da sua autoria.

Conforme foi exposto anteriormente, o elemento comum entre as formas simbólicas, além da sua origem espiritual, é que em todas há uma relação entre o signo e o significado. Já a diferença reside na forma em que se dá essa relação em cada uma dessas formas, no mito, na linguagem e na ciência. No mito, a relação entre signo e significado é de identidade, na linguagem é de representação, e, na ciência, de independência.

Cassirer afirma ainda que o pensamento mítico não diferencia nem o signo do significado, nem a imagem da coisa. Para o pensamento mítico, a palavra não é um mero signo convencional e abstrato que está no lugar da coisa, mas antes está indissociável com ela. Existe uma identidade entre a palavra que designa e a própria coisa designada; a palavra é tomada como a própria coisa.

Mesmo no campo subjetivo, o homem mítico identifica seu nome com seu próprio ser. Proferir o nome de alguém, mesmo depois de morto, significa invocá-lo, torná-lo presente. A mesma analogia vale para a imagem.

Essa não-separação entre imagem e coisa, característica do pensamento mítico, explica também casos de transubstanciação, quando o sacerdote representa um deus ou demônio em ritual. Na realidade, para o pensamento mítico, o sacerdote não está simplesmente representando essas entidades, mas se converte de fato nelas, se transubstancia

na mesma potência que mimetiza. O pensamento mítico não diferencia de forma rígida, sono de vigília e vida de morte, já que mesmo a morte não impede a convivência com o morto através da vivência do sonho, dos sentimentos de amor, medo etc. A morte é vista apenas como uma transformação, assim como o nascimento como um retorno. Tal fato explica porque os cultos aos mortos são realizados com oferendas de comida, vestuários, utensílios etc., porque se crê que o morto continua vivendo e necessitando dos mesmos meios físicos para sua conservação.

Outro elemento característico fundamental do pensamento mítico, exposto por Cassirer, é a não-separação das partes do todo. A totalidade é indivisa, não há separação entre seus elementos. O todo é um. Essa visão é válida tanto na sua percepção objetiva quanto para seus sentimentos subjetivos. O todo se explica pelas partes e a parte pelo todo. E esse todo é dotado com os mesmos sentimentos subjetivos dos sujeitos míticos, o que lhe confere um caráter dramático, já que toda a natureza e seus elementos fazem parte de uma constante luta entre as forças do bem e do mal. Como não há separação entre as partes e o todo, ambos possuem o mesmo valor, já que são vistos como uma mesma coisa.

Dessa forma, a posse de uma parte implica poder sobre o todo correspondente. Por exemplo: para o pensamento mítico, alguém que possua uma parte do corpo de outra pessoa, como fios de cabelo, saliva, unhas, seu nome etc., adquire poder mágico sobre esse homem. Esse tipo de relação entre a parte e o todo tem um caráter substancial concreto, o que se faz a uma parte é repassada para outra, para o todo. Essa forma de pensar é que dá sustentação às práticas mágicas, pois se acredita que há uma relação causal entre todos os fenômenos, independentes de sua espacialidade ou mesmo de sua temporalidade. Ou seja, para o pensamento mítico-mágico não existe em rigor limites determinados que separem os momentos de tempo, assim como tão pouco existem limites para as partes de um conjunto espacial. Assim, como não há distinção espacial ou temporal, quem possui as partes de um corpo de outro homem, mesmo que estas estejam separadas dele local e temporalmente, possui poder mágico sobre ele. Mesmo os atributos morais ou espirituais são entendidos nessa perspectiva da parte pelo todo.

Outro aspecto importante é transformação da relação entre o ser humano e o divino. A relação mágica vai sendo lentamente substituída por um outro tipo de relação. Em seu sentido original, todo sacrifício entranha um fator negativo: significa uma limitação do apetite sensível, uma renúncia que o eu se impõe a si mesmo. O sacrifício se eleva acima da visão mágica, pois nesta inicialmente não há limitação para o cumprimento dos desejos humanos.

A magia é um instrumento para manipular os desejos das forças espirituais e colocá-las a serviço do homem; ela não conhece limites na sua ação de submeter o destino à vontade dos deuses. Já no sacrifício está presente outro elemento e direção. Desde os seus primeiros estágios está presente a concepção de que o poder está relacionado proporcionalmente a uma autocontinência, a uma abstinência correlativa. Nesse ato negativo do sacrifício e do ascetismo emerge uma nova consciência de si e do divino.

Enfim, em *Linguagem e Mito* Cassirer trabalha a ideia de que o homem toma consciência de que não é dotado de onipotência, mas que está sujeito a limites, e também

que o divino é um poder superior não manipulável por meio da magia, mas que através da oração e do sacrifício pode ser aplacado. Quando o sacrifício deixa de ser meramente material, como por exemplo de animais, tudo volta-se para o patamar que adentra ao sacrifício interno, de veneração. O que passa a ser importante não é mais o “conteúdo da oferenda”, mas sim a forma de dar. Desse modo, a oferenda é interiorizada e a verdadeira oferenda passa a ser a interioridade do homem.